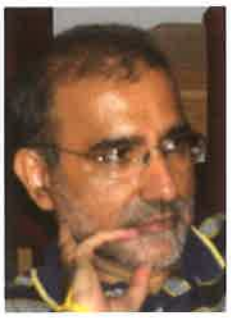
EDITORIAL / *EDITORIAL*

As Doenças Infecciosas e a Microbiologia Clínica: desafios e oportunidades



/ **Kamal Mansinho**
Presidente da Sociedade Portuguesa de Doenças Infecciosas e Microbiologia Clínica

As Doenças Infecciosas, pela complexidade epidemiológica das suas condicionantes, representam um desafio crescente para a humanidade. As doenças (re)-emergentes e a eclosão de resistência aos antimicrobianos favorecidas, principalmente, pelas modificações das características demográficas das populações, pelos factores socioeconómicos, pela má utilização de antimicrobianos, pelas viagens e pelas alterações climáticas contribuem, no seu conjunto, para a crescente pressão sobre os sistemas de saúde, sobre a investigação e sobre os profissionais de saúde responsáveis pelo diagnóstico, tratamento e prevenção das infecções.

Paralelamente, assiste-se a profundas modificações na organização, no financiamento e nos critérios de rendibilização dos serviços numa tentativa pró-activa de acompanhar as necessidades crescentes e em rápida transformação.

No que diz respeito à Microbiologia Clínica, as preocupações referentes à racionalização dos recursos e à relação custo-efectividade dos procedimentos têm favorecido iniciativas como a maior concentração de recursos técnicos e a centralização geográfica dos centros de diagnóstico. Questiona-se a conciliação da filosofia de alguns destes modelos de organização com a necessidade de preservar competências específicas, repertório de oferta de exames microbiológicos e qualidade de serviços de diagnóstico descentralizados, num País tão heterogéneo e perante a ameaça da (re)-emergência natural ou provocada de agentes microbianos.

De igual modo, os Serviços de Doenças Infecciosas estão a experimentar novos modelos organizativos de prestação assistencial, num cenário de procura crescente que resulta da complexidade das doenças infecciosas, dos progressos registados no âmbito do diagnóstico e da terapêutica, do efeito cumulativo do aumento de sobrevivência humana com patologias crónicas (associadas ou não com outras comorbilidades), dos transplantados, dos imunodeprimidos e do envelhecimento da população.

Assiste-se a avanços significativos e estimulantes no domínio da Microbiologia Clínica – muitos deles resultantes do desenvolvimento da biologia molecular e da genética – que permitem a identificação de novos agentes, a melhor compreensão da patogénese das doenças microbianas agudas e crónicas (incluindo as neoplasias induzidas por vírus e outros agentes microbianos) e a aplicação de técnicas mais rápidas e sensíveis para o diagnóstico laboratorial.

Por sua vez, a prática clínica das Doenças Infecciosas não depende apenas da interpretação judiciosa da informação fornecida pelo laboratório, mas também do conhecimento das suas limitações qualitativas e quantitativas e do respectivo grau de precisão, de acordo com o enquadramento epidemiológico e clínico do doente.

O impacto da integração e da articulação harmoniosas dos saberes e das competências dos especialistas de Doenças Infecciosas e de Microbiologia Clínica vai muito para além do diagnóstico etiológico da doença do ponto de vista individual. A aplicação das novas tecnologias de informação, como elemento integrador e de análise dos dados mais

relevantes, contribui para reforçar e amplificar a eficiência dos sistemas de vigilância epidemiológica, para uma melhor compreensão da genética microbiana e do hospedeiro e para a investigação e desenvolvimento de novos alvos terapêuticos e de novas estratégias de prevenção, incluindo as vacinas.

Neste sentido, a formação integrada dos futuros especialistas de Doenças Infecciosas e de Microbiologia Clínica é uma questão simultaneamente complexa e fulcral, já que estas duas disciplinas são interdependentes uma da outra.

O progresso da prática clínica, do ensino e da investigação nos domínios das Doenças Infecciosas e da Microbiologia Clínica dependerá, em larga medida, da capacidade de partilha e de interacção recíproca dos especialistas de cada uma destas áreas científicas, tendo como objectivo a criação de massa crítica e o desenvolvimento de lideranças interdisciplinares que promovam trabalhos científicos conjuntos, proporcionem oportunidades para a criação de competências mistas e dinamizem a investigação e formação de elevada qualidade.

O diálogo construtivo e a cooperação estreita entre os especialistas em Doenças Infecciosas e em Microbiologia Clínica, sendo certo que o derrube das barreiras entre estas duas especialidades não resulta em diluição das competências específicas de cada uma das áreas, poderão permitir, no futuro, aproximações inovadoras e flexíveis a novas especialidades como a Saúde Pública, a Medicina Tropical, a Medicina Molecular, os Transplantes e a Medicina Geral e Familiar.

Neste mundo global, pode questionar-se ainda se as Sociedades Científicas dos países industrializados têm contribuído de uma forma adequada e sustentada para o auxílio aos países em desenvolvimento na melhoria da formação dos técnicos dos serviços de saúde, em geral, e no domínio das Microbiologia Clínica e das Doenças Infecciosas, em particular.

É neste ambiente complexo e em transformação que a nova Direcção da Sociedade Portuguesa de Doenças Infecciosas e de Microbiologia Clínica foi eleita, em Janeiro último. Ao reflectir sobre a diversidade das aproximações e sobre o mérito relativo das competências e saberes específicos de outras áreas, cujas intervenções se cruzam com as das Doenças Infecciosas e da Microbiologia Clínica, deseja criar-se conhecimento, esperando que destas interacções possa emergir, no futuro, uma visão renovada e mais abrangente na avaliação, resposta e prevenção das infecções, sejam elas naturais, acidentais ou deliberadamente provocadas pelo homem.